



## SABERES COMPARTILHADOS: A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS NA CONSTRUÇÃO DE UM DICIONÁRIO DE LÍNGUA DE FRONTEIRA

Data de recebimento: 22/10/2017

Aceite: 03/12/2017

Verli PETRI (UFSM)<sup>1</sup>

Jennifer ALVARES (UFSM)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo visa apresentar um gesto de leitura bem particular sobre os resultados obtidos no desenvolvimento de um projeto (que engendrou ensino/pesquisa/extensão) desenvolvido nas relações entre universidade e escola. Os resultados podem ser conferidos em uma obra publicada sob o título: *Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira*, que foi planejada e desenvolvida pela parceria feita entre o Programa de Educação Tutorial – Letras (PET) e o Programa de Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), financiados pelo MEC, sediados na Universidade Federal de Santa Maria, no período de 2014 e 2015, culminando com o lançamento das obras em 2016. O principal objetivo foi o de dar mais ou menos consciência aos sujeitos fronteiriços, na cidade de Itaqui – RS, sobre sua condição de falante que se realiza entre o português e o espanhol. O material produzido pelas crianças resultou em um dicionário que trata da língua compartilhada entre os sujeitos de fronteira de uma região sul-rio-grandense que faz divisa com a Argentina. A iniciativa deu-se com alunos do ensino fundamental das escolas de Itaqui-RS. Um trabalho feito por e para eles evidenciando essa “língua de fronteira” que muitas vezes é deixada às margens por uma parcela da população, bem como passa por invisível para a maioria das iniciativas governamentais.

**Palavras-chave:** Sujeito. Discurso. Dicionário. Língua de Fronteira.

**Abstract:** This article aims to present a very particular reading gesture about the results obtained in the development of a project (that engendered teaching / research / extension) developed in the relations between university and school. The results can be checked in a work published under the title: *Shared Dictionary of Border Language*, which was planned and developed by the partnership between the Program of Tutorial Education - Language Arts (PET) and the Program of Intercultural Border Schools (PEIF), financed by MEC, based at the Federal University of Santa Maria, in the period 2014 and 2015, culminating with the release of the works in 2016. The main objective was to give more or less awareness to the frontier subjects in the city of Itaqui - RS, about their status as a speaker between Portuguese and Spanish. The material produced by the children resulted in a dictionary that deals with the language shared between the border subjects of a "South-Rio-Grandense" region bordering Argentina. The initiative was carried out with elementary school students from the Itaqui-RS schools. A work done by and for them highlighting this "border language" that is often left on the margins by a portion of the population, as well as invisible to most government initiatives.

**Keywords:** Subject. Speech. Dictionary. Border Language.



## 1 - Palavras iniciais da construção compartilhada de um saber sobre a língua de fronteira

O dicionário é um instrumento linguístico conhecido e reconhecido no interior da cultura escolar que reúne uma diversidade de sentidos. Tal afirmação traz em si certas implicações, considerando-se, por exemplo, que dizer conhecido envolve dizer que é utilizado por alunos e professores; já o seu reconhecimento se dá por meio de uma ideologia que pressupõe esse instrumento como único e completo, sendo visto (por uma grande maioria) como um retrato fiel da língua que descreve. É por isso que correntemente ele é utilizado para “tirar um dúvida” ou conhecer melhor o que algum vocábulo significa no interior de um texto ou meio social. Contudo, mesmo sendo um objeto consagrado de transcrição da língua, ele deixa à margem muitas palavras existentes e incontavelmente disseminadas por diversas populações em diferentes grupos sociais. Deste modo, o dicionário é um instrumento importante para a história da língua, mas não um retrato fiel e completo desta; ou seja, “não se pode acreditar que todas as palavras de uma língua estão no dicionário e que vinculados a elas estão todos os sentidos possíveis” (PETRI, 2011, p. 26). É preciso desconstruir essa ideia de totalidade e completude emprestada ao dicionário, o que pode e deve ser feito no interior da cultura escolar, pois é nesse espaço que se fundam as subjetividades e a cidadania, estabelecendo relações do sujeito com a língua ou com as línguas, como é o caso dos sujeitos que vivem em regiões fronteiriças.

Um caso que não é contemplado pelos dicionários formais<sup>1</sup>, por exemplo, é o da língua falada pelo sujeito da fronteira do Rio Grande do Sul com países hispano-americanos, do qual se destaca Itaqui-RS, cidade que possui uma localização estratégica e que atendeu às necessidades do Programa de Educação Tutorial - Letras (PET Letras) para o desenvolvimento de um projeto de extensão e de valorização linguística e cultural.

O projeto de construção de um *Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira* em duas escolas públicas de Itaqui teve um diferencial importante, pois deu visibilidade a um grupo social que, na maioria das vezes, não é contemplado pelas políticas linguísticas nacionais e que necessita, de alguma forma, ter a sua língua reconhecida para além do território em que ela é

---

<sup>1</sup>Por dicionário formal entende-se aquele que é amplamente utilizado nas comunidades escolares do Brasil, os quais são entendidos por uma parcela da população como dotados de saber incontestável e completo, mas que retratam uma perspectiva sobre a língua, não todas. Por exemplo, Houaiss, Aurélio, entre outros.



prática social – língua essa encontrada na população da fronteira, a qual tem particularidades próprias de seu lugar e de seu falar. Nesse viés, o sujeito fronteiriço está marcado por seu lugar de origem e este seu lugar é, por sua vez, parte de uma formação discursiva e imaginária (ORLANDI, 2009) que não representa só o aqui, mas também o lá, o outro que age sobre o eu da fronteira. As relações observadas, portanto, são de identidade em movimento e de alteridade em fase de descoberta.

Diante do que até aqui foi exposto, questiona-se então: o que significa dizer que a pretensão foi elaborar um dicionário compartilhado? O que seria um dicionário compartilhado? A psicóloga e professora universitária Camilla Biazus (2015) propõe uma significativa explicação: para ela, as palavras estão todas à deriva, esperando para significar no mundo e elas só existem e fazem sentido quando são partilhadas, compartilhadas entre os falantes. É a partir disso que se consolida a ideia de trabalhar com o dicionário em sala de aula de modo reflexivo, de maneira que este precisa começar a ser compreendido como “às vezes saturado e outras vezes esburacado; constituído por sinônimos imperfeitos, contrastando-os com os processos de produção de sentidos nas práticas sociais cotidianas” (PETRI, 2011, p. 29). As palavras existem no mundo através dos falantes que as (re)criam e compartilham diariamente, sendo assim, elas são marcadas pelo ideológico e pelo simbólico (ORLANDI, 2009), pelo local e pelo universal.

A língua é o meio de comunicação social, cultural e específico ao homem dotado de capacidade. Ela é reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural Imaterial, o qual compreende e reconhece a importância que as tradições de vida e expressões de certa comunidade, que são passadas de gerações em gerações e estão em constante mudança, têm no social. Filiando-se ao teórico exposto na História das Ideias Linguísticas e na Análise de Discurso – de linha francesa, tal qual a disseminada por Michel Pêcheux –, este trabalho foi pautado e desenvolvido a partir dos conceitos de língua, sujeito e história, entendendo que se interligam e que significam de modos diferentes em cada formação discursiva na qual o sujeito se insere e produz sentidos via língua, inscrito na história.

O dicionário, da perspectiva aqui assumida, é, portanto, um objeto histórico e discursivo que reflete a relação do falante (sujeito fronteiriço) com a sua língua (ORLANDI, 2002). Tal instrumento linguístico é visto discursivamente, não como completo de sentidos em si, e sim no funcionamento dentro de dada formação discursiva, ou como explicitado por Eni



Orlandi (2002), no livro “Língua e Conhecimento Linguístico: para uma história das ideias no Brasil”:

Pela reflexão que toma o dicionário como discurso, trabalhamos o discurso lexicográfico, inscrevendo nosso estudo, em termos metodológicos, na chamada “lexicografia discursiva”. Para tal, concentramos nossa atenção nas relações intertextuais e interdiscursivas que resultam na produção do efeito de completude. Consideramos assim não a função, mas o funcionamento do dicionário na relação do sujeito com a língua, incluindo sua relação com a memória discursiva ( p. 103).

Desse modo, o dicionário é tomado como discurso, já que é produzido em certa formação ideológica e materializado na língua em condições de produção específicas que recuperam sentidos, redes de memória, do meio de que advém. A pesquisa lexicográfica, por sua vez, põe em contato, simultaneamente, língua, sociedade, história e ciência. Esse objeto deve ser visto – uma vez que ainda não o é – como um objeto simbólico, histórico e não apenas como aquele que dita regras e normas das línguas, sendo que elas são variadas e não há como abranger-se todos os sentidos para todos os vocábulos. É em relação a essa concepção discursiva de dicionário que toda a produção em Itaqui foi pautada, entendendo que o sujeito e sua língua “se constitui a partir de seu contexto social, histórico, ideológico e que tudo que diz ou pensa foi concebido anteriormente por outros dizeres já presentes na sociedade” (RODRIGUES; PETRI, 2010, p. 28).

Destarte, foi com o propósito de elaborar um distinto *Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira* que se firmou a parceria do grupo PET Letras com o Programa de Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), coordenado pela professora Dra. Eliana Sturza, no ano de 2014. A concepção inicial foi de fazer com que as palavras e seus diversos sentidos possíveis/existentes no cotidiano dessas pessoas que vivenciam a realidade de ser fronteiriço saíssem de um estado informal, da língua falada, e passassem para um instrumento diferenciado da língua, possibilitando, assim, sua significação para diferentes comunidades falantes.

Para desenvolver a experiência de um dicionário compartilhado, jovens estudantes do ensino fundamental da cidade de Itaqui foram convidados a criar um dispositivo material de sua língua oral e, nesse viés, também se buscou alcançar objetivos sociais e de formação cidadã,



tais como: desenvolver a reflexão desses alunos acerca da linguagem peculiar que eles fazem uso; descobrir significações outras para cada verbete; definir a noção do que é um dicionário e como ele se estabelece; pensar a importância multicultural de viver no ambiente de fronteira e como isso os constitui como sujeitos diferenciados social e culturalmente.

A pesquisa e o desenvolvimento do referido projeto auxiliaram os integrantes do grupo PET Letras no vínculo de ensino, pesquisa e extensão (base do plano do programa), por relacionar teoria e prática. O PET é uma iniciativa governamental de incentivo à tríade Ensino, Pesquisa e Extensão, mantido pelo Ministério da Educação e que concede bolsas a estudantes de diversos cursos de graduação em todo o território nacional, visando promover a formação de excelência de seus integrantes. O PET Lab Corpus<sup>2</sup>/Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) realiza atividades que contemplam as três áreas necessárias à formação petiana dentro e fora do ambiente universitário, promovendo ações que contribuam para o desenvolvimento de seus integrantes, bem como dos alunos dos cursos de Letras da instituição e dos cidadãos da sociedade em geral. A experiência em Itaqui realizou todos os objetivos do Programa e marcou a vida pessoal e profissional de cada um de seus integrantes, possibilitando que cada um pudesse ver no outro um pouco de si e um pouco do estrangeiro que constitui cada um de nós.

## **2 - Da beira do Rio Uruguai: sujeitos falantes de uma língua de fronteira**

Itaqui é um município da região oeste do estado do Rio Grande do Sul. Banhado em uma de suas fronteiras pelas águas do Rio Uruguai, do outro lado está a Argentina e os seus municípios La Cruz e Alvear. Itaqui faz fronteira ainda com as cidades brasileiras Alegrete, Maçambará, Manoel Viana, São Borja e Uruguaiana. Atualmente com uma população estimada em 38.000 habitantes (IBGE), o município teve os primeiros indícios de civilização durante as missões jesuíticas espanholas no século XVIII e passou, desde então, por diversas batalhas até ser anexado ao que é hoje o Brasil. Possui uma localização estratégica de fronteira e atende às necessidades de um dado grupo social para o desenvolvimento das atividades econômicas pretendidas, sobressaindo-se a pecuária bovina.

---

<sup>2</sup> O Projeto de criação e institucionalização do Grupo PET Letras nasceu no decorrer do ano de 2010, elaborado pela Profa. Dr. Verli Petri que se tornou tutora do grupo, permanecendo até o mês de agosto de 2017. Tal projeto tem origem no interior das pesquisas realizadas no Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem, coordenado pela Profa. Dr. Amanda Scherer. Desta realidade advém o nome Lab Corpus/Letras – UFSM.



Os alunos do curso de Letras e integrantes do grupo PET, orientados pela então tutora, professora Dra. Verli Petri, deram início à execução do trabalho por meio de pesquisas e leituras teóricas sobre o sujeito discursivo e o instrumento linguístico dicionário, relacionando como ambos são perpassados por formações ideológicas, e, logo, formações discursivas, bem como que os sentidos se constituem neles e por eles.

É a noção de sujeito, dotado de inconsciente e afetado pela ideologia, que nos proporciona refletir sobre a língua e a história – na Produção de sentidos – enquanto condições indispensáveis para que se estabeleçam relações de pertencimento entre um sujeito e a nação que representa e pela qual é representado (PETRI, 2010, p. 21-22).

Entender como a língua se constitui em discurso e o modo como esse discurso se dá no efeito de sentidos que produz entre os locutores (ORLANDI, 2009) foi o ponto chave para o desenvolvimento do projeto. O sujeito fronteiriço e suas relações com a língua foram o objeto de pesquisa e desenvolvimento do dicionário compartilhado; um instrumento linguístico que não se propõe completo e muito menos dotado de saber incontestável, mas sim como uma porção de realidade social, composto de múltiplos sentidos, indo do esburacamento/da falta até a saturação/a repetibilidade, próprios à realidade de fronteira e, então, transformado na forma linguística material para dar conta de uma parte de seus significados. O dicionário, então, é incompleto e inacabado. Isso não é um defeito, nem um problema, pois ele foi pensado para ser assim: parcial, fiel ao momento sócio-histórico, representativo dos sujeitos envolvidos, mas também um livro em sua forma material e tudo o que ela carrega de simbólica.

Tomar esse instrumento para estudo e reflexão, recupera uma linha de estudos que não quer somente reproduzir o posto, o naturalizado nas práticas educacionais brasileiras, muito menos somente valorizar uma forma específica de uso da língua – quer seja a padrão, quer seja a regionalista –; antes de tudo, significa atentar para “os dizeres regionais [que] já foram naturalizados em nosso discurso e não entram no espaço da língua culta ensinada na escola” (SIVERIS; PETRI, 2010, p. 45) – a não ser em algumas atividades muito “especiais” em alusão ao dia do gaúcho (o 20 de setembro), por exemplo. Busca-se oportunizar aos sujeitos das escolas da fronteira uma série de reflexões sobre a língua, abrindo outras possibilidades de exercício da



cidadania, via língua, e pelos sentidos ali produzidos, de alguma forma já existentes nas formações discursivas (ORLANDI, 2009), às quais os sujeitos se inscrevem prioritariamente.

Essa iniciativa significou muito no interior daquele grupo social, pois reuniu crianças e jovens que estudavam em escolas da região da fronteira do Brasil com a Argentina, possibilitando que pensassem discursivamente essa língua que é falada por eles, bem como provocando-os a refletir sobre o que os faz como realmente são: sujeitos atravessados pela Língua Portuguesa, gaúcha e Espanhola.

### 3- Para entender as atividades desenvolvidas

As atividades desenvolveram-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Solés, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Otávio Silveira, ambas da cidade de Itaqui-RS, tendo sido realizadas durante o segundo semestre de 2014.

Em uma primeira visita, foi aplicado um questionário diagnóstico aos alunos com a finalidade de conhecer melhor quem eram esses indivíduos com os quais a atividade seria desenvolvida e se eles, na condição de sujeitos fronteiriços, tinham a noção de como a língua que faziam uso era perpassada pelas diferentes culturas ali presentes e a maneira que isso os afetava enquanto sujeitos sociais. Ao invés disso, foi percebido que o interesse maior que tinham era pela cultura e o orgulho, mesmo que pertencentes à fronteira, de serem gaúchos, um modo de enaltecimento de suas tradições. A partir dos dados coletados nesse encontro, o grupo reuniu-se para o planejamento da criação do dicionário. A compreensão do grupo sobre os dados coletados foi de que o sujeito da fronteira em observação se identifica muito com a imagem mitológica do gaúcho (no sul do Brasil) ou do *gaucho* (da Argentina e do Uruguai), conhecido também como o centauro das regiões banhadas pelo Rio da Prata. Assim, o ponto de partida foi a exploração de temáticas gauchescas que pudessem dar conta das relações culturais e linguísticas da região da fronteira.

Na segunda visita às duas escolas participantes, as atividades práticas da criação do dicionário foram feitas em três momentos. Em um primeiro momento, pela parte da manhã, houve uma sensibilização dos alunos com perguntas pertinentes ao tema e ao trabalho, como por exemplo: Será que o dicionário contém todas as palavras? Será que todas as definições estão corretas? Ou completas? Quantas palavras existem em um dicionário? A ideia dessa interação



era mostrar para aqueles alunos como não há totalidade de sentidos e nem totalidade da língua, pois ela é viva e está em constante movimento/mudança. Após essa discussão, explicou-se a eles a estrutura simplificada de um verbete (definição, exemplo e sinônimo) e dividiu-se o grupo em dois, sendo que cada um ficou com sete palavras para que escolhessem uma delas e a transformassem em um verbete, tal como explicado pelas petianas. Cada grupo deveria apresentar a definição, exemplificação e sinônimo para os colegas para que eles e as integrantes do PET auxiliassem nas complementações.

No segundo momento, sem deixar de lado a sensibilização, também entrou em cena a criação de verbetes. Um vídeo<sup>3</sup> de propaganda da Sadia que traz uma garota brincando com a definição da palavra família, serviu como modelo para que os integrantes dos dois grupos entendessem os sentidos outros que não estão contidos no dicionário. Com isso, discutiu-se e destacou-se juntamente com a turma alguns traços relevantes para propor que uma criança pode, sim, indicar alteração nos sentidos estabelecidos nos dicionários. Expôs-se tiras do gaúcho Tapejara<sup>4</sup> que continham palavras e expressões de seu estado, como meio para exemplificar e fazer com que eles tentassem definir tais palavras. Ainda nessa etapa, os estudantes puderam escolher quais as palavras que transformariam em verbetes; salvo estas, ainda sugerimos que propusessem uma definição para fronteira.

O terceiro momento da atividade, que ocorreu no período vespertino, foi dedicado a coletar imagens da cidade que os constitui como *sujeitos de fronteira* – a definição do que é um prefácio e como ele se constitui, com exemplos, foi apresentada –, para que pudessem embasar-se na elaboração de um prefácio específico para o projeto, bem como para que captassem pontos que consideravam importantes e relevantes em sua cidade. Tais registros estão presentes em todo o dicionário.

A criação, definição e exemplificação dos verbetes foram totalmente construídas pelos alunos, não havendo por parte dos integrantes do grupo e professores nenhuma censura ou modificação, qualquer que seja. Ficou também a critério dos criadores adicionar ou não imagens para exemplificação e auxílio no entendimento dos leitores. É importante ressaltar que o dicionário não se deteve em incluir a equiparação entre todas as letras do alfabeto, ficando à mercê das crianças e suas escolhas. Devido ao pouco tempo de permanência na escola, um grupo foi criado em uma rede social para que mais verbetes fossem adicionados, tornando,

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mu\\_a0bH9ulo](https://www.youtube.com/watch?v=mu_a0bH9ulo)

<sup>4</sup> Disponível em: <http://dialogico.blogspot.com.br/2007/05/artes-grficas-louzada.html>





assim, nosso exemplar ainda maior. Este trabalho em ambiente virtual funcionou da seguinte maneira: todos tinham livre acesso ao grupo e poderiam publicar, quantas vezes quisessem, novos verbetes que surgissem em seu dia-a-dia. Por fim, após o grupo reunir todos os exemplares de verbetes e os classificar, e devido ao grande número coletado, cada escola teve seu próprio dicionário elaborado. O trabalho de *design* e de diagramação ficou por conta de alunos e egressos do curso de Produção Editorial da UFSM, que desenvolveram um lindo e espetacular dicionário, com imagens, palavras e sentidos do sujeito gaúcho fronteiriço.

O fruto de um trabalho feito com empenho e vontade não poderia ter sido melhor: cada escola produziu seu próprio dicionário com sentidos e significados múltiplos. O material final é repleto de cores, imagens e vocábulos que dão ao leitor uma sensação do orgulho de ser um sujeito fronteiriço, portador de uma língua de fronteira e morador do Rio Grande do Sul.

Serão trazidos, em dois momentos, os modos possíveis de apresentação do dicionário. O primeiro da escola Vicente Solés, enquanto lista de verbetes; e o segundo da escola Otávio Silveira, tal como se apresenta na materialidade do dicionário. Esses movimentos, além de mostrarem exemplos de dicionários, também revelam como o objeto em si, com suas cores, carrega sentidos diferenciados de uma lista de palavras. Importa ressaltar que os dois dicionários existem em cores e passam por um processo de digitalização e serão disponibilizados na íntegra até 2018 no *site* da UFSM.

Da escola Vicente Solés:

Alcaide – uma pessoa grossa, chata;

Chaira – instrumento de ferro para afiar faca;

Fiasqueira – pessoa que briga em público;

Guacho – que toma muito leite;

Malecho – uma pessoa doente;

Pago – lugar em que nasceu ou foi criado;

Remolacha – beterraba;

Taragui – um guri esperto.

A seguir, são apresentadas algumas imagens do dicionário produzido pelos alunos da escola Otávio Silveira. É a língua desse povo no interior de um objeto simbólico diferenciado. Um instrumento linguístico que impressiona não só gaúchos, mas também





paulistas, catarinenses e qualquer um que estiver em contato com o produto final. Os verbetes falam por si:

## As fuça

Parte do corpo humano usada

**Exemplo:**

Te arrebento as fuça!

**Sinônimo:**

Nariz.

## Atoleir

Lugar onde atola.

**Exemplo:**

Pra chegar em casa tem que passar por um atoleiro.

*Os alunos, em alguns casos, fugiram do sentido estrito, o instaurado em sua formação social, e trouxeram exemplos a fim de divertir o leitor*

## Curtir

Procedimento feito para preparar a cuia para o mate, que consiste em queimá-la por dentro para não ficar com cheiro e gosto.

**Exemplo:**

Vou curtir minha cuia nova.

## Cusco

Cachorro sem raça.

**Exemplo:**

Vou sair para passear com meu cusco.

**Sinônimo:**

Guaipeca.



*Centro de Tradições Gaúchas do município.*

## Bagual

Indivíduo criado no campo, homem rude.

**Exemplo:**

Mas esse loco é bem bagual.

**Sinônimo:**

Gaúcho.

## Bah

Expressão gaúcha que tem mais de mil significados.

**Exemplo:**

*Exemplo da seção com a letra B do Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira, edição Otávio Silveira.*



## Bem capaz

Expressão usada, quando se quer dizer não.

**Exemplo:**

Bem capaz que eu vou subir naquele cavalo.

**Sinônimo:**

Não.

## Bergamota

Nome dado, aqui no Sul, para a Tangerina ou Mexerica.

**Exemplo:**

Hoje, está bom para comer bergamota no sol.

Com essas imagens fica mais fácil acessar o modo como os alunos possibilitaram ao grupo uma visão ampla do que é ser um morador da fronteira Brasil/Argentina e como isso é uma vivência multicultural, tirando o estigma pejorativo de não ser pertencente a nenhum dos lados, pois eles são, na verdade, de ambos os lugares. A reflexão visa contribuir na formação do cidadão que tem importância para a sociedade como um todo, já que se considera:

[...] o dicionário como um instrumento linguístico que modifica a relação dos falantes com a língua. Inserido em uma conjuntura, o



dicionário transforma o espaço linguístico e os sujeitos aí inseridos, bem como estabelece ou desloca temporalidades para esse sujeito (NUNES, 2006, p. 64).

Sendo assim, objetivou-se mostrar àqueles jovens que o saber da língua está no uso que se faz dela, na prática social de cada um, não cabendo a um único instrumento linguístico a detenção de todo o saber e sentidos possíveis.

O discurso do sujeito morador de fronteira pode e deve ser valorizado, exposto e partilhado assim como sua língua, pois eles são constituídos pela e na língua, na diversidade. Buscou-se desconstruir a imagem que os cerceia como indivíduos da margem e trazê-los ao múltiplo da língua, dando-lhes condição de autoria, com tudo o que ela engendra já que, “assim tomamos a língua: incompleta, em movimento, aberta à exterioridade que lhe é constitutiva e, portanto, falar de língua significa falar de historicidade” (PETRI, 2011, p. 47). Para os integrantes do grupo foi um aperfeiçoamento da visão que cada um tinha acerca da situação que esse povo vive, contribuindo para a formação acadêmica, social e pessoal de cada um.

#### 4 - Reflexões finais

Ao expandir a noção de língua, sujeito e fronteira, pôde-se contribuir para valorização do(s) sujeito(s) falante(s) da língua perante a sociedade, dando a ele(s) um pouco mais de visibilidade. Além disso, foi possível compreender como essa língua de fronteira funciona no interior do grupo social em questão, ora com maior consciência ora com maior desejo de ser e de estar no mundo como um grupo social. Eles são sujeitos e partilham o que julgam ser as melhores “coisas” da vida na e da fronteira. Assim, o projeto possibilitou tanto aos alunos das escolas quanto aos petianos do Curso de Letras da UFSM refletir sobre a linguagem, bem como valorizar as trocas culturais e linguísticas, próprias à região fronteira. Os objetivos alçados no início do projeto foram atingidos um a um, de forma que a reflexão sobre a constituição do sujeito e da língua de fronteira foi produzindo deslocamentos a cada momento, tirando a todos de seus lugares “confortáveis” e produzindo efeitos no interior dos grupos sociais envolvidos.

A compreensão do que é um dicionário e a construção e a valorização da identidade do gaúcho fronteiro é algo em pleno movimento, o dicionário captura um dado momento social e histórico muito particular, sendo ele um objeto discursivo que, como tal, carrega em si



um imaginário de língua que nos mostra que os estudantes podem e devem ocupar seu lugar de pertencimento, trazendo à tona um estatuto identitário, linguístico e cultural bem específico, que oscila entre ser um sujeito brasileiro, gaúcho e da fronteira.

Os alunos do ensino fundamental de cada escola são responsáveis pelo seu dizer, há muito de cada um deles no trabalho que rendeu dezenas de verbetes e imagens únicas por eles escolhidas como desenho ou fotografia. Os verbetes são, portanto, muito mais do que palavras com sentidos e com memória, são também formas de representação dessa sociedade, desses sujeitos e seus modos de ver o mundo. A proposta foi concluída com o êxito idealizado e os frutos são incontáveis tanto para os estudantes quanto para os acadêmicos e integrantes do grupo PET, tutora, professores das escolas participantes e os cidadãos locais. Os sujeitos que, de algum modo, participaram ou conheceram o funcionamento do projeto foram por ele afetados, certamente instituí-se, a partir do dicionário ali produzido, novos modos de existir no mundo e, sobretudo, na região de fronteira, seja ela geográfica, linguística ou simbólica.



## REFERÊNCIAS

BLAZUS, Camilla. **Dicionário Compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade**. 2015. 294f. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2015.

NUNES, José Horta. Nomenclatura de dicionário e redução da hiperlíngua brasileira. **Histoire Épistémologie Langage** (Imprimé), v. 28,2, p. 63-84, 2006. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/hel\\_0750-8069\\_2006\\_num\\_28\\_2\\_2883](http://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2006_num_28_2_2883). Acesso em: 25 set. 2017.

ORLANDI, Eni P. Lexicografia Discursiva. In: \_\_\_\_\_. **Língua e Conhecimento Linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 101-119.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8.ed. Campinas: Pontes, 2009.

PETRI, Verli. **Contribuições da análise de discurso para o ensino de línguas: em busca da desconstrução da unidade imaginária**. In: SCHONS, Carme; CAZARIN, Ercília (Org.). Língua, escola e mídia: en(tre)laçando teorias, conceitos e metodologias. Passo fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, p.25-33, 2011.

\_\_\_\_\_.; et al. **Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos**. 1. ed. Santa Maria: PPGL-Editores, 2010. v. 1. 120 p. Disponível em: <<http://corpus.ufsm.br/?p=140>>. Acesso em: 25 set. 2017.

RODRIGUES, Nina R.L; PETRI, Verli. **O funcionamento de dicionários no ensino de língua portuguesa**. In: PETRI et al. Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos. 1. ed. Santa Maria: PPGL-Editores, 2010. v. 1. 120 p. Disponível em: <<http://corpus.ufsm.br/?p=140>>. Acesso em: 23 set. 2017.

SIVERIS, Daiane; PETRI, Verli. **O dicionário e a sala de aula: possíveis relações**. In: PETRI et al. Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos. 1. ed. Santa Maria: PPGL-Editores, 2010. v. 1. 120 p. Disponível em: <<http://corpus.ufsm.br/?p=140>>. Acesso em: 25 set. 2017.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=431060>> Acesso em: 20 set. 2017.

**ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>> Acesso em: 23 set. 2017.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAQUI-RS. História do município**. Disponível em: <<http://www.itaqui.rs.gov.br/?action=estatico&eId=1>>. Acesso em: 23 set. 2017.